



Sociedade

GOVERNO AGUARDA PARECER PARA POR FIM ÀS SMARTSHOPS

Sónia Balasteiro
sonia.balasteiro@sol.pt

Governo vai limitar venda de drogas legais e exigir período de teste antes de serem colocadas no mercado. Proprietários das lojas estão preocupados e sugerem alternativas.

O Governo prepara-se para avançar nos próximos dias com a limitação de venda das drogas legais. O ministro da Saúde, Paulo Macedo, soube o SOL, apenas espera um parecer do Infarmed – Autoridade Nacional do Medicamento para assinar a portaria que deverá ditar o fim das smartshops como existem atualmente.

O parecer em causa irá determinar a forma como será realizada a quarentena dos produtos: um mecanismo que obriga as novas substância que surgem no

mercado a ficar em teste durante algum tempo para se verificar se são perigosas para a saúde. Trata-se, aliás, de um sistema semelhante ao utilizado na Madeira, onde neste momento já não funciona nenhuma das cinco lojas que existiam. «O número de casos que entraram nas urgências relacionados com estes consumos decresceu bastante», garante o representante da República para a Região Autónoma da Madeira, Ereneu Barreto.

O plano do Executivo teve por

base um projecto do PSD que defendeu a suspensão das drogas legais durante 18 meses, e a «criação de um sistema online para denunciar substâncias perigosas para a saúde à venda em lojas e sites na internet».

É que até agora, este sector não estava sujeito a qualquer controlo, tendo, aliás a ASAE, nas acções de fiscalização que realizou a estas lojas, encontrado à venda quase dez mil unidades de produtos ilegais.

O SOL falou com um ex-produtor e vendedor deste tipo de substância que admite existirem graves perigos. «É muito fácil miúdos com apenas 14, 15 anos terem acesso a estas 'drogas'. E muitos dos produtos são

produzidos com substâncias como acetona, perigosíssimas para a saúde», alerta Oscar Spierings (ver entrevista).

Lojas fazem proposta

O certo é que esta nova legislação está a preocupar os responsáveis das smartshops. A Stepet – que detém as lojas Magic Mushroom – prepara-se para apresentar na próxima semana ao Ministério da Saúde e aos deputados uma proposta onde defende ser «mais prejudicial para a população proibir este tipo de substâncias do que regular o sector». Segundo Elia Azevedo, assessora da cadeia de lojas, no documento será também divulgada a composição de cada um dos produtos à venda.



OSCAR SPIERINGS EX-PRODUTOR DE DROGAS LEGAIS EM PORTUGAL

'Cheguei a ter margens de lucro de 15 mil por cento nas drogas legais'

Oscar Spierings, um holandês de 30 anos, foi dos maiores produtores e vendedores em Portugal. Em entrevista ao SOL revela as misturas mais explosivas, os lucros com o negócio e os reais perigos do consumo para a saúde.

Como foi o seu primeiro contacto com as drogas legais?

Através de amigos na Holanda e pela internet. Mas eu sempre usei drogas recreativas. Quando cheguei a Portugal, estava habituado a boa erva e a boa cocaína. Cá não havia, e comecei a procurar na internet. Estava bastante céptico, até que decidi experimentar amostras de erva e de outras substâncias, já misturadas, que comprava de uma smartshop de Inglaterra. Fiquei surpreendido com a 'pedrada' e com as se-

melhanças com as verdadeiras drogas.

E a smartshop como surgiu?

Percebi que era legal. Foi uma questão económica. Na Holanda, já havia as *cofeeshops* onde se podia consumir os produtos. Por que não fazer o mesmo em Portugal? Nessa altura, ainda não havia lojas do género no país e decidi criar um conceito novo: uma *coffee-smartshop* onde os clientes podiam consumir os produtos.

E porque decidiu produzir os seus próprios produtos?

Pensei: se alguém o pode fazer, por que não eu? Então pesquisei, comprei as substâncias sem estarem misturadas, fiz muitos testes e comecei a produzir eu mesmo. Tinha uma certa vantagem, porque já conhecia as substâncias. Mas há muitas empresas falsas na internet que prometem vender todo o tipo de substâncias básicas e, quando se envia o dinheiro, eles nunca chegam a entregar os produtos. É preciso ter bons contactos. Comprava bases de Jwh, de Mdpv, de Naphyrone, Methylone, Buphedrone e 5-Meo-Dalt. Um quilo da substância base custava 3.500 euros. E com um quilo, eu conseguia produzir 15 quilos. Misturava e na loja vendia um grama de produto misturado a 25 euros.

Os lucros eram incalculáveis! Ficava-me entre 25 a 65 centimos por grama a produção. Cheguei a ter margens até 150 vezes o preço do produto, ou seja, de 15 mil por cento. As pessoas que recebem o verdadeiro dinheiro são os distribuidores e os produtores.

Mas como é que misturava as substâncias?

Aprendi a misturá-las com caféina, magnésio, proteína, inositol e açúcar. E aprendi a baixar as concentrações de pureza das bases, para evitar que os consumidores 'flipassem'. Também usava Manitol, um laxante para bebés que provoca gases e assim, os consumidores pensavam que estavam a usar produtos bons porque os efeitos eram semelhantes aos da cocaína. Isto porque o Mdpv é

muito mais puro do que a cocaína vendida em Portugal. Fiz muitas experiências. E assim, criei uma marca: Sosa Products.

E como testava os produtos?

Tudo o que vendia, experimentava em mim mesmo. Entretanto fui alargando a rede de distribuidores cada vez mais. A produção mundial concentra-se em África e na China. Mas os distribuidores estão na Austrália, na Nova Zelândia, na Europa de Leste, nos EUA, na China e em África. As bases que eu comprava vinham essencialmente da China, através de Hong Kong.

E vendia o que produzia.

No princípio a ideia era tornar-me distribuidor. Eu era o único produtor do que vendia em Por-



Magic Mushroom quer participar na elaboração da nova lei

tugal. E essa foi a razão pela qual comecei a ser investigado, primeiro pelo Departamento de Investigação Criminal da PSP e depois pela Polícia Judiciária. Fui preso há umas semanas.

Quanto tempo manteve a loja aberta?
Abri a Little Amsterdam, o primeiro *smart-coffeeshop* do mundo, no Porto, em Dezembro de 2011, e em Julho a loja estava a fechar.

E quando começou a consumir os seus produtos regularmente?
Como lhe disse, eu já consumia em ambiente recreativo Ecstasy, Cocaína e erva. Então pensei, quando comecei a ser investigado: se eu experimentar em mim mesmo, talvez eles percebam que estas drogas não são assim tão más. Estava enganado.

O que aconteceu?
Ficou tudo fora de controlo. Preciava sempre de mais. Por exemplo, fumava 20 a 30 cigarros de Herbal Incense com 7 % de Jwh-018 por dia, a erva legal mais forte de ultra. Era como se fossem cigarros. E consumia cinco gramas com 40% de Mdpv básico por dia –ou seja, 120 doses por dia. E mul-

ta gente me disse que eu estava a ficar descontrolado, os meus amigos na Holanda. Perdi todos os contactos em Portugal. E continuei a ser investigado. Era demasiado. Então decidi parar. Não queria perder a minha sanidade mental e física.

E conseguiu parar de um momento para o outro?

Sim, mas eu tenho uma força de vontade fora do comum. Usei sempre muitas drogas e sempre consegui parar. Fiz isso durante um ano. Entretanto percebi que a loja não ia durar, porque os media estavam a falar muito nos malefícios destas drogas. Há mais de seis meses que não consumo. E, há algumas semanas, a polícia entrou-me em casa. Acho que estavam à espera de encontrar um laboratório de drogas, mas não havia nada, apenas algumas armas e uma queixa feita de má-fé. Estive um dia preso.

Alguma vez entrou em psicose?

Eu não, porque tenho bastante tolerância. Mas vi pessoas a ter surtos psicóticos ao meu lado.

Qual é a sua opinião sobre as drogas actualmente?

São muito perigosas. É muito fácil pessoas com menos de 18 anos acederem a elas, miúdos com apenas 14, 15 anos. Os vendedores não estão a pensar se lhes fazem mal. Só pensam nos lucros. Muitos desses produtos são produzidos com substâncias como acetona, perigosíssimas para a saúde. E há outra coisa: há pessoas que vendem a chamada erva legal como sendo marijuana, quando na verdade estão a vender, em forma de incenso, Jwh (ou outros tipos de cannabinoides sintéticos) misturados com Mdpv ou Methylona, que tem efeitos semelhantes aos da cocaína e é muito mais viciante. E em pessoas com menos de 18 anos, ou deprimidas as consequências podem ser trágicas. Além disso, os produtores estão a aumentar as concentrações e a modificar as drogas, para ludibriar as autoridades, em fórmulas cada vez mais tóxicas e mais fortes.

E o que acha que as autoridades devem fazer?

Proibir. Mas isso vai gerar um mercado negro. É inevitável. Foi assim que eu próprio me vi livre dos produtos que tinha produzido. Vendi tudo para o mercado paralelo.